ESTADO DE MINAS

Publicado em 09/10/2022 - 05:55

Batalha decisiva

CORRIDA AO PLANALTO

Candidato do PT à Presidência estará em Belo Horizonte, hoje. Depois de sucessivos comícios no primeiro turno, corpo a corpo com os eleitores é a nova estratégia adotada pela campanha

Lula aposta em caminhadas

GUILHERME PEIXOTO
E GABRIELA ORNELAS

O presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estará hoje em Belo Horizonte. O ato, que vai começar na Praça da Liberdade, na Savassi, e terminar na Praça Tiradentes, na Região Centro-Sul da cidade, faz parte de uma estratégia adotada pela campanha petista adotada na reta final do primeiro turno, ampliando o corpo a corpo com o eleitorado. Depois de uma temporada de comícios em diversas regiões do Brasil, o PT e os partidos aliados passaram a apostar em caminhadas com o candidato. A avaliação de integrantes do núcleo estratégico é que, com agendas do tipo, o petista consiga ampliar o roteiro de viagens e visitar mais localidades. Ontem, por exemplo, Lula percorreu vias de Campinas, no interior de São Paulo. Na sexta-feira, o mesmo expediente foi usado em Guarulhos, também em solo paulista.

Em BH, Lula participará do ato em cima de uma caminhonete. A expectativa é que ele discurse ao chegar à Praça Tiradentes. O cortejo está previsto para as 11h, mas apoiadores do petista devem se concentrar nas proximidades do Palácio da Liberdade por volta das 9h. O ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), candidato a vice-presidente, também deve participar.

O deputado federal André Janones (Avante-MG), conselheiro de Lula em temas ligados à campanha digital, disse que o desafio, neste momento, é conciliar o tempo disponível à necessidade de construir agendas. O segundo turno será em 30 de outubro. "Todas as cidades e estados são importantes. Temos um país de dimensões geográficas gigantescas. A escolha pela caminhada foi pelo objetivo de otimizar o tempo. Toda a estrutura de um comício, a mobilização, as apresentações, as falas, [fariam com que] ele conseguisse visitar menos cidades e estados", disse o deputado ao Estado de Minas.

Depois da derrota de Alexandre Kalil (PSD) para Romeu Zema (Novo) na disputa pelo governo de Minas, Lula ficou sem palanque no estado. A aposta, então, passou a ser em apoios diversos, vindos de partidos que não estavam na composição original da frente em torno do petista, como o PDT. Em meio a isso, há a necessidade de minimizar os efeitos do apoio que Zema ofereceu a Bolsonaro. O deputado Reginaldo Lopes (PT), coordenador da campanha de Lula em Minas, afirmou que os locais escolhidos para o ato em BH também carregam significados importantes para o ex-presidente. Lula tem falado em fazer uma "nova Independência" do Brasil e citado Joaquim José da Silva Xavier, mártir da Inconfidência Mineira. "A Praça da Liberdade é muito simbólica, o símbolo do governo de Minas. Queremos descer a Avenida Brasil e chegar à Praça Tiradentes, outro símbolo da luta pela República e pela Independência", disse.

NELSON ALMEIDA/AFP

Lula cumprimenta apoiador durante comício em Campinas, no interior de São Paulo, nesse sábado

Depois do ato em BH, os aliados de Lula devem se reunir ainda na capital. A participação do presidenciável é dúvida, mas é certo que Gleisi Hoffmann, presidente nacional do PT, vai coordenar os trabalhos. A ideia é usar o encontro para debater a possibilidade de novas agendas do ex-presidente em Minas. Neste momento, a tendência é que Lula retorne ao estado cerca de uma semana antes do segundo turno, mas lideranças locais tentam conseguir uma terceira visita. Será a primeira vez de Lula em Minas após o primeiro turno. A margem sobre Bolsonaro no estado foi de aproximadamente 563,3 mil votos.

Antes da primeira votação, o candidato do PT fez comícios em Belo Horizonte, Montes Claros, no Norte, e Ipatinga, no Vale do Aço. Paralelamente aos compromissos de Lula, Alckmin tem feito incursões solo por regiões brasileiras. Políticos de Minas tentam levar o ex-governador a alguma região do estado antes de 30 de outubro. No mês passado, ele esteve em Poços de Caldas, no Sul, e em Uberlândia, no Triângulo.

Pesquisa divulgada pelo Datafolha na sexta-feira e registrada junto à Justiça Eleitoral com o número BR-02012/2022, aponta Lula com 49% das intenções de votos no segundo turno, cinco pontos a mais que Bolsonaro, que tem 44%. Brancos e nulos representaram 6% dos entrevistados, enquanto 2% não souberam responder ou preferiram não opinar.

Lideranças de outros partidos se preparam para engrossar o ato de amanhã. "Estamos mobilizando territórios, chamando as pessoas e construindo esse ato para conseguir trazer a chamada terceira via para votar no Lula. E também mobilizar os indecisos. Com isso, a gente acredita que terá vitória folgada no segundo turno", afirma Bella Gonçalves (Psol), vereadora de Belo Horizonte eleita deputada estadual. "Achamos que vai ser um ato grande e representativo do desejo da maioria da população, que se expressou nas urnas no primeiro turno", projeta a parlamentar.

CAMPINAS Lula fez caminhada pelo Centro de Campinas, ontem, ao lado de Fernando Haddad (PT), que disputa o segundo turno pelo governo de São Paulo contra o candidato apoiado por Bolsonaro, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Os petistas precisam tentar conter o avanço do bolsonarismo entre os paulistas para ter chances de ganhar o pleito no estado. O Datafolha aponta provável derrota de Haddad para o Palácio dos Bandeirantes. Segundo a pesquisa estimulada, Tarcísio de Freitas tem 50% das intenções de voto e Fernando Haddad, 40%. Tanto Lula quanto Haddad perderam a disputa para Bolsonaro e Freitas no estado de São Paulo no primeiro turno.

Na entrevista coletiva antes da caminhada de ontem no interior paulista, Lula disse estar convencido de que ele e Haddad vão ganhar no maior colégio eleitoral do país. "Pretendo ganhar as eleições em São Paulo e ajudar o Haddad a ganhar também. É muito importante essa parceria entre São Paulo e Brasil", disse. Lula assumiu que a campanha errou no estado e que tem 20 dias para reparar os equívocos para ganhar.

Haddad lembrou que na campanha eleitoral de 2012 também esteve em desvantagem, mas conseguiu vencer José Serra (PSDB) na disputa pela prefeitura da capital paulistana. "O tempo é igual e vamos investir nas propostas para virar e ganhar estas eleições. São Paulo conhece a minha gestão e sabe o trabalho que eu já fiz aqui", afirmou o candidato.

Região onde Lula venceu no 1º turno terá atenção maior da equipe do presidente. Ontem, foi a Belém, no Norte

Campanha de Bolsonaro vai priorizar Nordeste

FILIPE BISPO/FOTOARENA/FOLHAPRESS

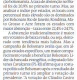
Jair Bolsonaro e a deputada federal Carla Zambelli acompanharam a procissão do Círio de Nazaré, em Belém, em barco da Marinha

São Paulo – A campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) quer ampliar o material publicitário com enfoque na população do Nordeste, região com eleitorado majoritariamente alinhado ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A comunicação com esse segmento tem que ser direta, na avaliação de aliados. Por isso, a campanha deve destacar dados e informações regionais. A economia deve ser um ponto central. Para combater os elevados índices de pobreza nos estados nordestinos, o material buscará apresentar Bolsonaro como solução para alavancar o crescimento da região, numa contraposição a governos estaduais, associados pelo chefe do Executivo a partidos de esquerda. Bolsonaro fez campanha em Belém (PA), ontem. Ele participou da procissão fluvial do Círio de Nazaré no navio da Marinha que conduzia a imagem de Nossa Senhora de Nazaré.

Em encontros com aliados no início da campanha do segundo turno, Bolsonaro foi alertado sobre as dificuldades de conter a ampla vantagem petista, especialmente em estados como Bahia, Pernambuco e Ceará – os maiores colégios eleitorais do Nordeste. Segundo a mais recente pesquisa Datafolha, Lula lidera no Nordeste (66% a 28%), região em que saiu das urnas com uma frente de quase 13 milhões sobre Bolsonaro. Além da campanha centrada na região, a equipe de Bolsonaro quer ressaltar as medidas e promessas mais recentes na área social, apresentadas em meio à corrida presidencial. É o caso da manutenção do Auxílio Brasil acima de R$ 600 e do 13º para beneficiárias do programa social.

Após ter associado o petismo nordestino ao analfabetismo em live, Bolsonaro tem ampliado elogios à região e voltou a criticar o PT. Em transmissão em rede social, ele afirmou que dados econômicos da região são inferiores porque tais estados "há 20 anos estão sendo governados pelo PT". Na quinta-feira, o presidente teve reunião com parlamentares do PL, partido que elegeu as maiores bancadas da Câmara e do Senado. Deputados e senadores eleitos também foram convidados. Aliados de Bolsonaro dizem que, na disputa de segundo turno, é momento de o presidente aproveitar a capilaridade da política.

No primeiro turno, candidatos do partido no Nordeste evitaram usar a imagem de Bolsonaro na campanha. Agora, a avaliação é que, com o mandato garantido, todos os integrantes do PL terão mais tempo e disposição para aderir ao esforço de reeleição do presidente. Exemplo é o deputado federal João Carlos Bacelar (PL-BA), cuja campanha nem sequer usou as cores verde e amarelo tomadas pelo bolsonarismo. Outro caso é o de Fernando Rodolfo (PL-PE), também reeleito.



Apesar de o foco da campanha bolsonarista ser o Sudeste, região com maior número de eleitores, o presidente foi aconselhado a visitar mais o Nordeste até a votação em segundo turno. Para as demais regiões do país, a campanha quer reduzir a alta abstenção em estados que registraram forte votação bolsonarista. A taxa de abstenção no Brasil foi de 20,9% no primeiro turno. Mas, ao analisar o índice por estados, os locais com percentual mais elevado são os dominados por Bolsonaro. Rio de Janeiro, Rondônia, Mato Grosso e Acre foram os estados com maior abstenção – taxas entre 22,4% e 24,7%.

A abstenção tradicionalmente é maior em votantes de baixa renda, ou seja, eleitorado com tendência mais lulista. Mas a campanha de Bolsonaro avalia que, em alguns estados específicos, um maior comparecimento tende a beneficiar Bolsonaro. Líder da bancada evangélica, o deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ) afirma que a costura política de Bolsonaro após o resultado do primeiro turno irá ampliar a votação do presidente. "A votação do Cláudio Castro [governador reeleito do Rio de Janeiro] foi alta nas periferias. Ele pode ajudar a melhorar o desempenho do Bolsonaro nesses bairros", disse. Sóstenes também sugeriu à campanha que as igrejas evangélicas do Nordeste entrem no planejamento das ações até o segundo turno.

Na quarta-feira, Bolsonaro se reuniu com senadores no Palácio da Alvorada e pediu aos parlamentares empenho no segundo turno. O mandatário afirmou que o Brasil elegeu um Senado de perfil de centro-direita e que terá mais facilidade para aprovar suas pautas, caso seja reeleito. "Obviamente, pedi para eles, aqui, um esforço maior ainda até o dia 30 [de outubro] para conseguir mais pessoas para votar na gente, porque assim teremos a certeza de que o Brasil não sofrerá qualquer retrocesso. E as nossas pautas de família também serão mantidas. Cada vez mais o respeito à família, a necessidade que nós temos, a certeza de garantir liberdades e garantias individuais", disse o presidente.

O senador Roberto Rocha (PTB-MA), que não conseguiu se reeleger, disse que Bolsonaro pode melhorar de desempenho no segundo turno porque não há eleição para os demais cargos na maioria dos estados e a população do Nordeste é muito influenciada pelos políticos locais. "No primeiro turno, no Nordeste especialmente, vale muito a força dos políticos. Alguns lá chamam de vaqueiros políticos locais que arrastam o eleitor para a urna. No segundo turno, a gente não tem isso. A eleição é mais solteira e é importante a gente destacar que Bolsonaro não é candidato à eleição, ele é candidato à reeleição", avalia Rocha.

NO CÍRIO DE NAZARÉ COM CARLA ZAMBELLI E BIA KICIS

Bolsonaro chegou à capital paraense na noite de sexta-feira, quando foi recebido no aeroporto por centenas de apoiadores. Após a transmissão de sua live pelas redes sociais, ainda na sexta-feira, o presidente visitou a 23ª edição da SuperNorte, evento realizado pela Associação de Supermercadistas do Pará (Aspas). Ontem, ele embarcou no navio da Marinha por volta das 6h30 e foi direto para a sala de comando. O presidente estava acompanhado pelas deputadas federais Carla Zambelli (PL-SP) e Bia Kicis (PL-DF). Ele não discursou nem deu entrevista à imprensa, e compartilhou uma foto nas redes sociais para mostrar aos seus seguidores que estava em Belém.

A procissão pelas águas da Baía do Guajará faz parte das 13 romarias do Círio de Nazaré, considerada uma das maiores festas religiosas católicas do mundo. Após a divulgação da informação de que a Arquidiocese de Belém informou não ter convidado o presidente, ele deixou o local sem discursar. "Comunicamos não ter havido nenhum convite da parte da Arquidiocese de Belém, nem da diretoria da festa de Nazaré, a qualquer autoridade, seja em nível municipal, estadual ou federal. Temos o dever de observar a plena liberdade de qualquer cidadão ou cidadã de participar dos eventos do Círio de Nazaré. Todavia, não desejamos e nem permitimos qualquer utilização de caráter político ou partidário das atividades do Círio", disse nota assinada pelo arcebispo de Belém, Dom Alberto Taveira Corrêa. O prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues (Psol), criticou o que chamou de tentativa de Bolsonaro de usar a festa religiosa como palanque político. "Recebi com profundíssima indignação a tentativa do uso político da maior demonstração de fé do povo paraense. A fé não pode ser sequestrada por uma candidatura à Presidência. Aliás, de um candidato que nem sequer é católico", afirmou. Bolsonaro, entretanto, se declara católico. (Folhapress)

▌SÃO PAULO

Dia do Nordestino, comemorado ontem, foi lembrado pelos ex-ministros Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Fernando Haddad (PT), que buscam intensificar contato com os eleitores

DANILO VERPA/FOLHAPRESS

Tarcísio de Freitas promete estimular iniciativas tecnológicas, se for eleito governador de São Paulo

Corpo a corpo nas ruas de SP

São Paulo – A disputa pelo governo de São Paulo repete a polarização na corrida ao Palácio do Planalto entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O ex-ministro Tarcísio de Freitas, que tem o chefe do Executivo federal como o seu principal cabo eleitoral, e o ex-ministro Fernando Haddad, que aposta no prestígio de Lula, fizeram corpo a corpo com eleitores ontem. Ambos lembraram o Dia do Nordestino, comemorado ontem.

O candidato do Republicanos visitou a Feira do Empreendedor do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). No local, ele cumprimentou eleitores e conversou com expositores. A feira ocorre no SP Expo, no Bairro Jabaquara, Zona Sul paulistana. Tarcísio disse, durante a visita, que pretende estimular iniciativas digitais e tecnológicas no estado. "Vamos trabalhar muito no fomento das startups para que a gente desenvolva aplicações, soluções que resolvam problemas do estado e também ofereçam soluções demandadas pelo próprio mercado."

O ex-ministro destacou também a vocação do estado para ciência e tecnologia e disse que irá impulsionar o sistema paulista de parques tecnológicos. "A gente pode desenvolver muita coisa na área digital com um polo de inovação sendo fomentado", afirmou. Pelas redes sociais, o candidato fez homenagem ao Dia do Nordestino. "Hoje, a gente celebra o Dia do Nordestino, um povo de cultura rica, de força e alegria, que já faz parte do DNA de São Paulo. Um grande abraço a todos os nordestinos, em especial para a minha esposa, Cris, filha do Nordeste!" escreveu. A esposa de Tarcísio é do Rio Grande do Norte.

SEGURANÇA O candidato Fernando Haddad fez caminhada em Campinas, no interior de São Paulo, ao lado de Lula e do vice na chapa presidencial, Geraldo Alckmin, ex-governador de São Paulo. Haddad disse que irá manter o uso de câmeras em uniformes dos policiais paulistas. O projeto Olho Vivo foi iniciado em 2021, com a instalação de câmeras corporais que gravam a rotina de trabalho dos agentes de segurança. O candidato lembrou que a medida reduziu os índices de letalidade policial e também de morte de policiais. "É para proteger a vida do policial, do cidadão, do trabalhador", declarou.

O petista destacou também o Dia do Nordestino e lembrou ações de quando foi ministro da Educação no governo Lula que ajudaram a melhorar a qualidade da educação na região, como a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb). Ele prometeu ainda a construção de três hospitais-dia na região de Campinas e um bilhete único metropolitano para os deslocamentos entre a capital paulista e Campinas.

REDES SOCIAIS/REPRODUÇÃO

Fernando Haddad afirmou que manterá câmeras em uniformes da polícia, caso seja eleito no dia 30

▌CORRIDA AO PLANALTO

Desde 1955, o candidato que vence no estado chega à Presidência. De olho nessa evidência e no segundo maior colégio eleitoral do país, os dois adversários reforçam estratégia por aqui

Os desafios de Bolsonaro e Lula para vencer em Minas

BERNARDO ESTILLAC
E GUILHERME PEIXOTO

Minutos depois de saber que disputaria o segundo turno da eleição nacional contra Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o presidente Jair Bolsonaro (PL) não escondia o desejo de priorizar Minas Gerais para tentar reverter a vantagem de 6,1 milhões de votos do petista. Na porta do Palácio da Alvorada, em Brasília, ao mesmo tempo em que lamentava o resultado no estado, Bolsonaro já citava contatos feitos com interlocutores do governador reeleito Romeu Zema (Novo). Lula venceu em Minas no primeiro turno com 48,29%, contra 43,06% dos votos válidos. Os percentuais são similares aos vistos no cenário nacional, onde o petista levou a melhor com 48,43% ante 43,20% do atual presidente.

O candidato à reeleição se cercou de cabos eleitorais importantes no estado. Além de Zema, seu entorno tem o senador eleito Cleitinho Azevedo (PSC), Nikolas Ferreira (PL) e Bruno Engler (PL), deputados federal e estadual mais bem votados no estado, respectivamente. Do outro lado, Lula aposta em manter os eleitores mineiros, que têm histórico de votar em políticos de campos opostos nos pleitos para governador e presidente – depois dos fenômenos "Lulécio" (Lula e Aécio Neves) e "Dilmasia" (Dilma e Antonio Anastasia), desta vez a junção deu forma ao "Luzema".

O apoio de Zema foi anunciado na terça-feira, menos de 48 horas após o resultado do primeiro turno. Bolsonaro e seus aliados em Minas festejaram, porque, segundo interlocutores ligados ao Executivo estadual e ao PL, o governador pretende subir em palanques ao lado do presidente e pedir votos de forma explícita. Na quinta-feira passada, trajando sua tradicional camisa social branca bordada com uma bandeira de Minas Gerais, Zema fez discurso pró-Bolsonaro em evento da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). Durante a fala, o político do Novo disse ser "PTfóbico".

Zema teve cerca de 6 milhões de votos, quase 1 milhão a mais do que Bolsonaro em Minas. A reboque da união eleitoral entre eles, o PL deve embarcar na base aliada ao governo na Assembleia Legislativa. Nos cálculos de Bruno Engler, os votos de Zema no primeiro turno, somados aos recebidos por Carlos Viana (PL), podem render uma virada em 30 de outubro. "Analisando os resultados oficiais e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Zema teve 800 mil votos a mais que o presidente. E o senador Carlos Viana teve mais de 700 mil votos. Então, precisamos trazer esse 1,5 milhão de pessoas com o apoio do governador", avalia o parlamentar.

Famoso por vídeos virais na internet, Cleitinho também celebrou a composição com Zema. "Segundo turno é uma nova eleição, zerou tudo. Começam todos do zero. É muito importante esse apoio." Já Nikolas Ferreira recorreu a um dado histórico que aponta a importância de Minas nos pleitos presidenciais. "Quem ganha em Minas, geralmente, ganha no Brasil. Então, a gente tem um trabalho muito forte. Estou empenhado na campanha do presidente, dedicando toda a minha força para ganhar principalmente os jovens. Viajarei pelo país também para reverter a situação. No primeiro turno, vencemos a mentira dos institutos de pesquisa e agora vamos quebrar essa mentira que o PT está fazendo", afirma.

Desde 1955, com a vitória de Juscelino Kubitschek, todos os presidentes democraticamente eleitos venceram também os pleitos em Minas. Além de decisivo, o estado é um espelho do cenário nacional. Após a a redemocratização

do país, em 1989, o resultado em Minas varia, em média, apenas 3,04 pontos percentuais da apuração em todo o Brasil.

APOIO DE EX-ADVERSÁRIOS

Embora esteja sem palanque formal em Minas desde a derrota de Alexandre Kalil (PSD) para Zema, os aliados de Lula creem que o governador não tem poder para reverter o movimento "Luzema" – com parte da população entregando ao Novo os votos para o governo, mas escolhendo o PT para ocupar a Presidência. Os votos dados a Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) são caminhos vistos como viáveis para minimizar o impacto da aliança entre Zema e Bolsonaro. "Não vou dizer que o palanque não faz falta. Claro que faz. Mas temos de lutar com as armas que a gente tem. Eles precisam de muita coisa – de palanque e do governador – porque precisam virar o resultado. Eles perderam a eleição aqui; a gente ganhou. A pressão sobre nós é menor. Ela existe, mas é menor", afirma o deputado André Janones (Avante-MG), que ajuda a traçar as estratégias digitais da campanha de Lula.

O PT e os partidos da coalizão de Lula trabalham, ainda, para montar agendas regionais comandadas por vencedores das disputas à Câmara e à Assembleia Legislativa. Há ainda a expectativa por duas vindas do presidenciável a Minas, em projeção que não considera a caminhada agendada para hoje, em Belo Horizonte. "A gente joga pelo empate. Eles têm de virar o jogo. Temos de ampliar o placar, mas conseguimos uma boa vitória aqui no primeiro turno", afirma Janones.

Para o também deputado federal Reginaldo Lopes (PT), coordenador da campanha de Lula em Minas, a aliança entre Zema e Bolsonaro é fruto de certa similaridade ideológica. "É natural que a concepção sobre o papel do estado leve Zema a ter uma aliança pontual com Bolsonaro. Mas o próprio Zema sabe, porque conviveu quatro anos com Bolsonaro, que o presidente não fez nada por ele e não fez nada por Minas", garante. Na visão do petista, os eleitores mineiros têm, na memória, boas impressões dos governos de Lula e Dilma Rousseff. "Vamos ter uma excelente relação federativa. Queremos ter excelente relação com os governadores. Com certeza, Zema sabe disso – e sabe do compromisso de Lula com Minas", pontua.

Na segunda-feira, em evento que deu a largada na campanha para o segundo turno, no comitê petista, em São Paulo (SP), Lula manifestou desejo de voltar a Minas mais vezes até a votação. Fora a caminhada agendada para hoje, em BH, o núcleo de articulação petista trabalha para viabilizar mais um ou dois compromissos do candidato em terras mineiras. "Vamos conversar mais com o povo, vamos voltar a percorrer o Brasil em todos os estados que têm segundo turno e em alguns estados que não têm segundo turno nós vamos, porque estou convencido de que vamos alargar a nossa vantagem no Nordeste e em Minas Gerais. Vou visitar regiões de Minas que eu deveria ter visitado e não pude visitar".

TÚLIO SANTOS/EM/D.A PRESS

Bolsonaro com Zema, em BH, na quinta-feira: ele pensava no apoio do governador desde o primeiro turno

MARCOS VIEIRA/EM/D.A PRESS

Lula, em BH, em 19 de agosto: sem palanque em MG no 2º turno, petista aposta em aliados no Legislativo

Especialistas divergem sobre governador

O cientista político e CEO do instituto Atlas/Intel, Andrei Roman, diz que a aliança com o governador reeleito Romeu Zema é um trunfo importante para o presidente Jair Bolsonaro buscar uma virada em Minas no segundo turno. Ele lembra o costume mineiro de "cruzar" os votos para cargos distintos. "Regionalmente, o estado onde Bolsonaro está mais favorável é Minas, justamente por conta da adesão do Zema à campanha dele. Minas é um swing state clássico, onde já há um comportamento de cruzar voto entre presidente e governador, mas nunca houve um apoio tão forte quanto o do Zema", assinala.

Para Roman, o tamanho do movimento feito por Zema é inédito. "Ele (Zema) se coloca como um presidenciável no campo da direita em 2026, entra numa espécie de pré-campanha. Ele está se assumindo como um possível herdeiro do eleitorado de Bolsonaro em 2026. Ao contrário do Tarcísio (de Freitas, do Republicanos, candidato ao governo de São Paulo) e do Castro (Cláudio, governador reeleito no Rio de Janeiro pelo PL), ele tem peso político próprio", aponta.

Andrei Roman acredita que Bolsonaro pode ter números melhores em Minas, mas que Lula consegue incrementar seu desempenho no segundo turno em outros dos três maiores colégios eleitorais do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo, além do Rio Grande do Sul. "Em São Paulo, Rio Grande do Sul e também no Rio de Janeiro existe uma massa crítica de eleitores de centro mais moderados e, por não ter um candidato minimamente viável, não votaram no primeiro turno. Esse público tende mais a votar no Lula, e não em Bolsonaro A tendência é de que Bolsonaro suba em Minas e Lula suba em São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Nesse sentido, Lula está numa situação melhor do que o Bolsonaro", salienta Roman, que também acredita que os votos de Tebet migrariam para Lula naturalmente.

Para Alberto Carlos Almeida, doutor em ciência política e autor do livro "A mão e a luva: O que elege um presidente", as movimentações de Lula e Bolsonaro tendem a não surtir efeito na votação final. Além dos estados do Sudeste, Lula tem margem segura de vantagem no Nordeste. Embora não seja uma região tão populosa, a diferença na votação do petista frente à de Bolsonaro consegue equiparar a disputa nos números totais. Equilibrar a disputa, mesmo sem viradas, é importante para Bolsonaro no cenário geral.

"Lula abriu 13 milhões de vantagem no Nordeste, é muita coisa. No Ceará, por exemplo, Lula abriu uma vantagem maior do que a de Bolsonaro em São Paulo. São Paulo tem 22% do eleitorado e o Ceará tem 4%. A dificuldade é essa mesmo. Ainda assim, o Ceará neutraliza São Paulo e ainda sobra."

Na busca por diminuir a distância no voto nordestino, Bolsonaro começou o segundo turno com o pé esquerdo. Durante live na quarta-feira, o presidente associou a prevalência do PT na região ao analfabetismo. A questão foi tema de trocas de farpas entre os presidenciáveis ao longo da semana, com Lula chegando a dizer que "quem tem uma gota de sangue nordestino não pode votar nesse monstro", durante comício em São Bernardo do Campo (SP).

Aliados de peso na reta final

A percepção sobre a eleição presidencial deste ano como uma das mais polarizadas da história democrática do Brasil é lugar-comum nas análises de cientistas políticos, mas como as estratégias e apoios se desdobrarão até o dia 30, seguem causando divergências. Para Alberto Carlos Almeida, doutor em ciência política e autor do livro "A mão e a luva: O que elege um presidente", as movimentações de Lula e Bolsonaro tendem a não surtir efeito na votação final.

"São dois candidatos muito conhecidos, que já sofrem muito desgaste, com personalidades fortes e conhecidas. Por que alguém que votou em Lula votaria em Bolsonaro, e vice-versa? Você tem mais ou menos 40% de votantes na esquerda, 40% na direita e 20% no centro. Lula lá atrás tinha vencido duas eleições com 60% a 40% no segundo turno e quando (Fernando) Haddad perdeu para Bolsonaro, teve 45%, o que simboliza essa questão. Pode acontecer de esses 20% terem reduzido para 9%, para 10% ou 5%, uma mudança na margem de manobra, simbolizada até pela baixa votação em Ciro e Tebet. Pode ser que seja uma eleição mais apertada", avalia ele.

Os apoios de Tebet e Ciro, terceira e quarto colocados no primeiro turno, respectivamente, formalizam uma transferência de votos que, segundo Almeida, aconteceria de forma natural. O especialista traça um paralelo entre a conjuntura deste ano e o apoio de Leonel Brizola (PDT) a Lula no segundo turno do pleito de 1989. "Tebet fez uma campanha que não atacou Lula. Foi uma campanha propositiva – não atacou ninguém. Ela não atraiu esses votos anti-Lula e a tendência é que o eleitor dela fosse mesmo para o petista. Foi o que aconteceu no caso do Brizola: os eleitores dele não votariam no (Fernando) Collor. Seria natural uma migração para Lula, mas os políticos inteligentes se antecipam e declaram apoio para sugerir a transferência e seguir como atores".

Tebet teve pouco mais de 500 mil votos em Minas, 4,17% do total, e Ciro teve cerca de 310 mil, 2,58%. Somados, eles têm aproximadamente 810 mil votos, número bem superior aos 563.307 votos que Lula tem de vantagem sobre Bolsonaro no estado.

Sobre o apoio de Zema a Bolsonaro, o cientista político acredita que o gesto não é suficiente para impulsionar uma virada. Para ele, os votos em jogo são os que não foram originalmente destinados a Lula ou a Bolsonaro. Como justificativa, Almeida cita desempenho ruim do governador na busca por eleger nomes ao Legislativo. "Todo voto que foi dado para Lula e Bolsonaro é difícil virar. O objetivo deve ser ganhar os votos de Simone e de Ciro. Zema não elegeu ninguém do Novo em Minas e o PT elegeu 12 deputados estaduais, por exemplo. Ele não se mostrou um bom cabo eleitoral para seu próprio partido", diz. Zema também não teve êxito na disputa pelo Senado: Marcelo Aro (PP), apoiado por ele, terminou em terceiro.

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Pagina:** 2 a 5

Copyright © Clipclap 2025.